

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS DO PSICÓLOGO EM SEGMENTOS DE CLASSE MÉDIA E BAIXA, NA CIDADE DE VITÓRIA - ES

Lídio de Souza
Zeidi Araújo Trindade
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO - Este estudo teve como objetivo identificar a representação social do psicólogo e de suas atividades profissionais em dois segmentos sociais distintos. Participaram do estudo 60 pessoas (30 de classe baixa e 30 de classe média) que responderam a questões padronizadas sobre o profissional e suas atividades, em situação de entrevista. Os resultados indicaram que o modelo clínico de atuação profissional serve como elemento básico na produção das representações dos dois segmentos investigados e demonstraram que a maioria dos participantes de classe baixa (73,3%) não possui qualquer representação do objeto investigado por total desconhecimento do que seja um psicólogo. Os resultados foram discutidos em termos da explicitação das condições de produção das representações e de sua ausência, bem como de suas implicações para o profissional e para os cursos de psicologia.

THE SOCIAL REPRESENTATION OF THE PSYCHOLOGIST AND THEIR PROFESSIONAL ACTIVITIES IN MIDDLE-CLASS AND LOWER-CLASS IN VITÓRIA - ES

ABSTRACT - This paper aimed at the identification of the social representations with respect to psychologists and their professional activities in two different social classes. The study was conducted with 60 subjects (30 of lower-class and 30 of middle-class) who were interviewed about the psychologists and their activities. The results showed that the clinical model of professional activity serves as the basic element in the production of the social representations of the classes investigated and demonstrated that the majority of the lower-class subjects have no representations of the object investigated due to total lack of knowledge of what a psychologist is. The results are discussed by pointing out some conditions of social representations production and its implications for the professional and for the Psychology courses.

Embora o conceito de representação tenha sido proposto originalmente por Emile Durkheim em 1898, na forma de representações coletivas, o marco inaugural no estudo das representações sociais no campo da Psicologia Social é o trabalho realizado na França por Serge Moscovici. Seu trabalho sobre a representação social da

Endereço: Caixa Postal 5052 (Ag. Leitão da Silva), 29045, Vitória, ES.

psicanálise (La Psychanalyse - Son image et son public) tem fornecido os subsídios conceituais e metodológicos para uma série de pesquisas que têm tido lugar especialmente na França, mas também em outras partes do mundo (Moscovici, 1978).

Moscovici define a representação social como sendo "um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originado no cotidiano, no desenrolar de comunicações inter-individuais" (1981, p. 181). Nota-se, a partir desta definição, que tantas serão as representações quantos forem os universos de opinião onde são forjadas e os objetos passíveis de serem representados. As comunicações inter-individuais ou os *fatalórios*, origem das representações, são tão diversos quanto as classes, grupos e culturas que constituem uma dada sociedade. Cada um deles corresponde a um universo de opinião distinto, mundo específico de conversação, onde "...não só as informações são transmitidas e os hábitos do grupo confirmados, mas cada um adquire uma competência enciclopédica acerca do que é o objeto da discussão" (Moscovici, 1978, p. 53).

Ao discutir o universo de opinião, Moscovici (1978) aponta suas três dimensões básicas: a informação, o campo de representação e a atitude.

A primeira delas, a *informação*, diz respeito à organização, ao tipo, à quantidade e à qualidade do conhecimento que um grupo específico possui em relação a um dado objeto social, que pode ser uma teoria, uma profissão, uma nova técnica, uma doença ou ainda um grupo social.

A segunda, o *campo de representação*, refere-se ao conteúdo concreto e limitado das proposições pertinentes a um aspecto preciso do objeto da representação.

E, finalmente a *atitude* permite identificar a orientação, se positiva ou negativa, em relação ao objeto da representação social.

É através da apreensão das dimensões dos universos de opinião que podemos resgatar a multiplicidade de representações que presumivelmente convivem no seio de uma mesma sociedade. Nos grupos sociais, origem das representações, a heterogeneidade em relação às dimensões apontadas imprime significados especiais às informações e aos conhecimentos disponíveis a respeito do mundo e de seus objetos.

A principal função das representações sociais, ainda conforme Moscovici (1978) é "...preencher lacunas, suprimir a distância entre o que se sabe, por um lado, e o que se observa, por outro, completar as *divisórias vazias* de um saber pelas *divisórias cheias* de um outro saber.." (p. 55).

As representações, nesse sentido, imprimem significado ao meio ambiente onde ocorrem os comportamentos, devendo-se entendê-las como recriações da realidade que integram o inusitado ou o estranho à rede de relações cotidianas. Em síntese, as representações tornam o ausente presente, o inabitual habitual, fazendo "...com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser" (Moscovici, 1978, p. 59).

A função das representações sociais não é, portanto, apenas a de guiar o comportamento, mas sobretudo a de remodelar e reconstituir o ambiente, inculcando no comportamento uma significação, integrando-o "...numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes" (Moscovici, 1978.p.49).

Mais recentemente, Jodelet (1983), numa revisão sobre os estudos sobre representações sociais aponta a existência de três perspectivas distintas onde, respectivamente, o conceito é concebido como: 1) modo de expressão social e cultural; 2) resultante de uma dinâmica psicossocial; e 3) forma de pensamento social.

No primeiro caso as representações sociais são estudadas com o objetivo de simplesmente apreender e descrever como os indivíduos dão significados aos objetos sociais. Os estudos baseados nesta perspectiva são semelhantes aos estudos clássicos sobre atitudes.

No segundo caso, a representação social é analisada no nível das elaborações individuais. Neste contexto o foco de atenção são os processos individuais de produção das representações, com pouca ênfase nas suas determinações sociais.

É somente na perspectiva das representações sociais como forma de pensamento social que elas são apreendidas como modalidade de conhecimento com eficácia própria na construção da realidade, articuladas dialeticamente com as condições de sua própria produção.

Especificamente a esse respeito, Jodelet (1983, p. 28) afirma que

... Enquanto pensamento constituído, as representações assim elaboradas transformam-se em produtos que operam na vida social, no plano intelectual e prático, como realidades pré-formadas, quadros de interpretação do real, de demarcação para a ação, sistemas de acolhimento de realidades novas (Jodelet, 1983).

A importância das representações sociais para a vida cotidiana, como forma de pensamento social que imprime significação ao comportamento, foi o que nos levou à investigação de como dois segmentos sociais distintos reconstruíram em seu universo a profissão do psicólogo e suas atividades.

Nossa opção pela investigação com os segmentos de classe média e baixa está ligada basicamente a dois fatores. Primeiro, a classe média tem sido tradicionalmente a clientela preferencial do atendimento psicológico, portanto, achamos necessário e importante investigar como está sendo produzida e veiculada a representação da atividade profissional neste segmento. Além disso, devemos considerar que a classe média tem maior acesso aos meios de comunicação em geral e maior nível instrucional, o que acreditamos interferir decisivamente na formação de tal representação.

Segundo, verifica-se hoje no Brasil um movimento, já com alguma força, no sentido de discutir as responsabilidades sociais dos psicólogos e as possibilidades de encontrar caminhos que visem uma efetiva socialização do trabalho profissional, priorizando o atendimento à parcela empobrecida da população. Estas pessoas, além de impedidas do consumo do conhecimento psicológico, encontram-se à margem também do acesso à escolarização formal, à saúde e aos meios de comunicação (excções ao rádio e à televisão), o que pressupomos interferir qualitativamente na representação neles produzida quando comparada com a de outros segmentos.

No que tange à profissão do psicólogo e suas atividades profissionais, podemos constatar uma preocupação constante com diferentes aspectos a elas relacionadas, o que pode ser avaliado pelo volume de pesquisas produzido nos últimos anos.

O currículo mínimo estabelecido pelo Conselho Federal de Educação tem provocado uma série de discussões e uma das que tem sido focalizada freqüentemente, por professores e alunos dos cursos de psicologia, é exatamente a de sua adequação.

A adequação curricular tem sido pensada e discutida freqüentemente em dois níveis: um, *interno*, onde a preocupação se relaciona com diferentes aspectos de integração curricular e outro, *externo*, preocupado com as possibilidades de atendimento à comunidade.

No primeiro nível, a discussão está centralizada em viabilizar a equivalência de carga horária para diferentes abordagens e áreas de aplicação; no melhor encadeamento das disciplinas; no incremento de atividades práticas e de laboratório; no aumento do número de disciplinas optativas e outros.

No nível externo, discute-se a necessidade de um atendimento mais adequado à comunidade e as questões relativas às responsabilidades sociais e éticas do profissional.

Estas duas formas de análise, isoladamente, nos parecem incompletas e simplistas, na medida em que dicotomizam dois aspectos que só têm sentido se analisados na sua relação de interdependência, como mostram Mello (1975,1978), Botomé (1979), Carvalho (1984) e Carvalho e Kavano (1982).

As pesquisas por eles realizadas com alunos e profissionais de psicologia têm se preocupado em caracterizar as áreas de atuação cuja escolha é mais freqüente; as justificativas oferecidas pelos sujeitos para as escolhas realizadas; as deficiências de formação no que se refere tanto aos trabalhos que não se enquadram nas áreas tradicionais - clínica, escolar e industrial - como a trabalhos com os segmentos empobrecidos da população; a percepção que os profissionais e alunos têm da atividade profissional.

A análise dos dados fornecidos nestas pesquisas permite vincular os problemas de formação profissional aos problemas encontrados na aplicação do conhecimento psicológico, como por exemplo, a indefinição do papel profissional, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, etc.

Tais trabalhos têm levantado diversas questões importantes e mostrado alguns aspectos problemáticos que devem ser considerados nas discussões sobre o currículo mínimo de psicologia. Entendemos, no entanto, que além de pesquisas que nos mostrem as representações, expectativas e problemas de alunos e profissionais, é necessário que se investigue também a comunidade.

Este trabalho se insere nesta última perspectiva. Pretendemos verificar como dois segmentos sociais representam as atividades profissionais do psicólogo, identificando quais elementos contribuem para a formação destas representações. Além disso, procuramos avaliar as consequências destas representações para o profissional e as possíveis contribuições dos dados no sentido de subsidiar as discussões sobre os currículos dos cursos de psicologia. Dada a natureza e especificidade da amostra empregada, não pretendemos que os resultados sejam generalizáveis a todos os outros segmentos da população, mas entendemos que o trabalho, embora exploratório, poderá fornecer alguns subsídios para estudos posteriores.

MÉTODO

Participantes

Somente pessoas com idade mínima de 20 anos, sendo 30 residentes em bairros pobres de periferia e 30 residentes em bairros de classe média, situados em Vitória-ES.

Material

Rotero de entrevista não-estruturada contendo itens para identificar as dimensões das representações sociais.

Procedimento

As entrevistas foram realizadas na própria residência dos participantes.

A dimensão *informação* foi verificada a partir de questões sobre o conhecimento da profissão, de profissionais e do trabalho profissional, e também sobre as fontes de informação, incluindo parentes ou amigos que utilizaram tais serviços.

A dimensão *campo de representação* (opinião) foi investigada através de questões sobre as atividades profissionais, o modo como o psicólogo trabalha, a utilidade de seus serviços, as características necessárias para ser psicólogo e as atividades, instituições ou pessoas que podem substituí-lo.

E, finalmente, investigou-se a dimensão *atitude* através de questões sobre a avaliação que o participante faz da profissão, do trabalho profissional em geral, de um trabalho específico e sua predisposição em procurar um serviço psicológico.

RESULTADOS

Caracterização da amostra

A amostra (N=60) foi composta de 75% de mulheres e 25% de homens, predominando participantes entre 20 e 29 anos (50%). As diferenças entre os dois grupos ficam evidenciadas com relação à profissão e ao grau de escolarização. Enquanto no grupo pertencente à classe baixa (CB) a maioria (60%) tem profissões que não exigem escolarização formal, como pedreiro, doméstica, contínuo, costureira, etc, no grupo de classe média (CM) predominam profissões que exigem escolarização de nível superior (36,7%). Os graus de escolarização mais frequentes em CB são 1º grau incompleto (63,3%) e sem qualquer escolarização (23,3%) e em CM são 2º grau completo (40%) e universitário (40%).

O fato de as mulheres estarem super-representadas na amostra pode ser explicado pela escolha do local e dos horários em que foram realizadas as entrevistas. Os participantes foram entrevistados em suas residências durante o dia, o que *à priori* exclui os moradores que trabalhavam em outro local. É provável que a maior parte dos excluídos fosse constituída por pessoas do sexo masculino.

Os resultados apresentados a seguir terão sempre como referencial CB=30 e CM=30 (N=60), embora a maior parte dos participantes de CB não tenha fornecido respostas à maioria das questões. Utilizamos este critério a fim de não super-dimensionar o percentual referente às informações obtidas neste grupo. Acreditamos ainda que a ausência de respostas é um dado importante no contexto deste trabalho e que poderia ser mascarada se os participantes sem informação fossem simplesmente excluídos.

Acrescentamos que em alguns casos, mediante a possibilidade de respostas múltiplas, a soma das percentagens para cada grupo pode ultrapassar os 100%.

Dimensão informação

Conforme se pode observar na Tabela 1, vinte e dois dos participantes, todos em CB, relataram desconhecer o que é, o que faz ou para que serve o psicólogo, enquanto em CM todos os sujeitos demonstraram algum tipo de informação sobre o profissional. Em CB apenas dois participantes (6,7%) relataram conhecer pessoalmente

Tabela 1 - Frequência de respostas obtidas na questões relativas à dimensão *informação*, nos dois segmentos sociais.

Segmentos Sociais	Classe Baixa		Classe Média		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Itens de Informação						
CONHECIMENTO						
Conhece pessoas e atividades	8	26,7	30	100,0	38	63,3
Desconhece pessoas e atividades	22	73,3			22	36,7
UTILIZAÇÃO						
Recorreu à psicologia	2	6,7	20	66,7	22	36,7
Não recorreu à psicologia	28	93,3	10	33,3	38	63,3

um psicólogo, enquanto que em CM isto ocorreu com 50% dos participantes. Os psicólogos conhecidos em CB desenvolvem trabalho em instituições e 93,3% dos psicólogos conhecidos em CM desenvolvem trabalho clínico.

A Tabela 1 mostra também que vinte e dois participantes afirmaram que alguém da família ou amigo próximo já recorreu a serviços psicológicos, sendo 20 em CM (66,7%) e 2 em CB (6,7%).

Em relação às fontes de informação, as mais citadas em CM foram *amigos e familiares, estudo e leitura*. Além destas, também foram apontadas outras respostas como: *contato com profissionais, filmes e televisão*. Em CB aparecem *amigos e familiares, experiência de vida e contato com profissionais*.

Dimensão campo de representação

Como podemos verificar através da Tabela 2, em CB as atividades profissionais que representam com maior frequência as do psicólogo são as *atividades médicas* (16,6%) e em CM as *atividades de ajuda na resolução de problemas* (53,3%). Ainda em CM foram identificadas duas outras categorias significativas: *estudar o ser humano* (36,6%) e *lidar com a mente humana* (20%).

Quando inquiridos sobre como o psicólogo trabalha, a resposta predominante, tanto em CB como em CM, foi *conversando*. Foram encontradas ainda duas outras categorias de resposta: *analisando e aplicando testes*.

A maior parte dos participantes de CM apontou que o psicólogo serve para *aconselhar e orientar* (96,7%) e em CB a resposta apontada com maior frequência foi *resolver traumas e neuroses* (10,0%). Outra categoria de resposta encontrada em CM e CB foi a de *adaptar/ajustar*, 13,3% e 3,3%, respectivamente, conforme a Tabela 2.

É interessante observar, como mostra também a Tabela 2, que sobre os requisitos e/ou características pessoais necessárias para ser psicólogo, tanto em CB como

Tabela 2 - Frequência de respostas obtidas nas questões relativas à dimensão *campo de representação*, considerando-se respostas múltiplas, nos dois segmentos sociais.

Segmentos Sociais	Classe Baixa		Classe Média		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Itens de Representação						
PRINCIPAIS ATIVIDADES PROFISSIONAIS DO PSICÓLOGO						
Ajuda a resolver problemas	4	13,3	16	53,3	20	33,3
Estuda o ser humano	1	3,3	11	36,6	12	20,0
Lida com a mente humana	4	13,3	6	20,0	10	16,6
Atividades médicas	5	16,6	2	6,6	11	11,6
Outras	-	-	2	6,6	2	3,3
Sem resposta	22	73,3	-	-	22	36,6
PRINCIPAIS FINALIDADES DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS DO PSICÓLOGO						
Aconselhar/Orientar	2	6,7	29	96,7	31	51,6
Resolver Traumas/Neuroses	3	10,0	6	20,0	9	15,0
Adaptar/Ajustar	1	3,3	4	13,3	5	8,3
Selecionar pessoal	-	-	2	6,6	2	3,3
Outras	-	-	2	6,6	2	3,3
Sem resposta	24	80,0	-	-	24	40,0
CARACTERÍSTICAS NECESSÁRIAS PARA SER PSICÓLOGO						
Estudo	5	16,6	13	43,3	18	30,0
Paciência	1	3,3	9	30,0	10	16,6
Sensibilidade	-	-	6	20,0	6	10,0
Interesse	-	-	6	20,0	6	10,0
Inteligência	2	6,6	4	13,3	6	10,0
Dom	2	6,6	4	13,3	6	10,0
Seriedade	-	-	5	16,6	5	8,3
Sociabilidade	-	-	4	13,3	4	6,6
Outras	-	-	12	40,0	12	20,0
Sem resposta	24	80,0	-	-	24	40,0
POSSÍVEIS SUBSTITUTOS DO PSICÓLOGO						
Psicólogo é insubstituível	3	10,0	18	60,0	21	35,0
Confidentes	1	3,3	11	36,6	12	20,0
Instituições	-	-	4	13,3	4	6,6
Outros profissionais	1	3,3	1	3,3	2	3,3
Outras	-	-	2	6,6	2	3,3
Sem resposta	26	86,6	-	-	26	43,3

em CM a frequência maior de respostas foi para a categoria *estudo*, 16,6% em CB e 43,3% em CM. Podemos verificar ainda que outros requisitos considerados importantes foram *paciência*, *interesse* e *sensibilidade* em CM, e *dom* e *inteligência* em CB. Respostas como *experiência*, *altruísmo*, *não ter preconceito* e *não se envolver com os problemas dos clientes*, foram também identificadas no segmento de classe média.

Ao perguntarmos sobre que pessoas ou instituições podem substituir o psicólogo, verificamos que tanto em CM (60%) como em CB (10%) a resposta mais frequente é a de que o psicólogo é *insubstituível*. Em CM identificamos ainda outras categorias: *confidentes* como substitutos possíveis (36,6%), *instituições* (13,3%), além de *outros profissionais*, *exercícios físicos* e *cartomante*. Da categoria *instituições* fazem parte Igreja, Alcoólatras Anônimos e Neuróticos Anônimos (Tabela 2).

Dimensão atitude

No que diz respeito à valorização atribuída à profissão verificou-se, conforme a Tabela 3, que prevaleceu uma avaliação positiva (66,6% em CM e 13,3% em CB). Em CM a avaliação negativa correspondeu a 20% enquanto em CB foi de 3,3%. A avaliação do trabalho profissional foi solicitada em dois momentos. No primeiro, responderam apenas os participantes que disseram conhecê-lo através de parentes ou amigos que tinham sido atendidos por psicólogos (22 participantes). Os dados mostraram que 11 participantes (50%) consideraram o trabalho *ineficaz*, 5 (22,7%) *parcialmente eficaz*, 4 (18,2%) *não souberam avaliar* e apenas 2 (9,1%) consideraram o trabalho *eficaz*.

Os resultados relativos à avaliação do trabalho do psicólogo em geral, sem situar um caso específico, ressaltam uma diferença importante se os compararmos com a avaliação anterior. Neste segundo momento, 17 participantes (28,3%) consideraram o trabalho *eficaz* e apenas 1 o considerou *ineficaz*, conforme a Tabela 3.

Ainda quanto à orientação dos participantes em relação ao objeto, verificou-se que em CB apenas 2 (6,6%) deles disseram que procurariam um psicólogo e em CM esta predisposição foi observada em 21 (70%) dos participantes.

DISCUSSÃO

A representação do psicólogo presente no segmento de classe média é a do profissional liberal clínico, cuja atividade principal é a de ajudar na resolução de problemas. Esta atividade é realizada através de conversas, análises e aplicação de testes e serve para aconselhar, orientar, adaptar e selecionar pessoas. Os requisitos principais são, em ordem de importância, estudo, paciência, interesse e sensibilidade. A representação engloba contraditoriamente tanto opiniões de que o psicólogo não pode ser substituído quanto aquelas de que pode ser substituído por confidentes. Embora exista uma tendência para avaliar positivamente a profissão, evidenciada através da forte predisposição para procurar um psicólogo, a avaliação da eficácia do trabalho profissional aplicado a casos concretos é negativa.

No caso do segmento de classe baixa podemos afirmar que para a maioria dos participantes não existe uma representação do psicólogo e de suas atividades profissionais, o que nos parece bastante revelador.

Apenas oito dos entrevistados neste segmento disseram saber do que trata este profissional. Considerando-se os dados destes participantes apenas, o psicólogo

Tabela 3 - Frequência de respostas obtidas na questões relativas à dimensão *atitude*, nos dois segmentos sociais.

Segmentos Sociais	Classe Baixa		Classe Média		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
AVALIAÇÃO DA PROFISSÃO						
Positiva	4	13,3	20	66,6	24	40,0
Negativa	1	3,3	6	20,0	7	11,6
Ambígua	3	10,0	4	13,3	7	11,6
Sem resposta	22	73,3			22	36,6
AVALIAÇÃO DE UM TRABALHO ESPECÍFICO CONHECIDO (N=22)						
Eficaz	-	-	2	9,1	2	9,1
Parcialmente eficaz	-	-	5	22,7	5	22,7
Ineficaz	-	-	11	55,0	11	50,0
Não soube avaliar	2	9,1	2	9,1	4	18,2
AVALIAÇÃO DO TRABALHO DO PSICÓLOGO EM GERAL						
Eficaz	2	6,6	15	50,0	17	28,3
Depende do problema	1	3,3	7	23,3	8	13,3
Depende do profissional	1	3,3	3	10,0	4	6,7
Parcialmente eficaz	2	6,6	1	3,3	3	5,0
Ineficaz	-	-	1	3,3	1	1,7
Não soube avaliar	2	6,6	3	10,0	5	8,3
Sem resposta	22	73,3	-	-	22	36,7

é representado como um profissional que exerce atividades médicas, cujo trabalho é realizado principalmente através de conversas que objetivam resolver traumas ou neuroses. Os requisitos para ser psicólogo são, em ordem de importância, estudo, dom e inteligência. Existe uma tendência para avaliar positivamente a profissão, embora poucos participantes relatassem estar dispostos a procurar serviços psicológicos.

Para compreendermos adequadamente tais representações, que no nosso entender confirmam a predominância da atividade clínica no exercício profissional do psicólogo, demonstrada pelos dados em qualquer das dimensões analisadas, é necessário desvendar o contexto concreto de sua produção.

O trabalho pioneiro de Mello (1975) já indicava a preferência e a predominância da atividade clínica por parte dos psicólogos em exercício na cidade de São Paulo.

Desde então, apesar das transformações ocorridas, especialmente em termos de mercado de trabalho, a preferência tem se mantido constante no tempo, a despeito de novas exigências.

Isto é demonstrado pelos dados da pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia com amostras de profissionais de todos os Conselhos Regionais de Psicologia. Bastos (1987a), ao apresentar parte destes resultados, mostra que 43,8% dos psicólogos graduados optam por um trabalho na área clínica, seguidos por 21,5% de opções pela área organizacional. Bastos enfatiza a "força que o modelo de atuação profissional liberal em clínica exerce sobre os psicólogos" resgatando a trajetória do exercício profissional: mais de 80% dos graduados que começam a atuar nesta área nela permanecem enquanto nas outras áreas o índice de abandono é alto (40% em organizacional e 46% em escolar) sendo que a maioria passa a atuar em clínica.

Pode-se verificar ainda que o exercício clínico é predominante em termos de inserção no mercado de trabalho, apesar da insatisfação com os vencimentos. Gil (1985) observa que

O psicólogo que atua em clínica é o mais satisfeito profissionalmente. Estes casos reforçam as proposições já estabelecidas de que a área clínica é a preferida pelos psicólogos. No entanto, o psicólogo que atua nesta área não manifesta muita satisfação com os vencimentos (Gil, 1985, p. 17).

Ao nível estadual os dados não são diferentes dos já citados. De acordo com Novo e Trindade (1988), 64,6% dos profissionais - excluindo-se aí os que se dedicam ao ensino na universidade - atuam na área clínica.

O conjunto de dados apresentado revela as atividades concretas que os psicólogos desenvolvem, o que em última instância constitui o pano de fundo onde se alicerçam as representações sobre a profissão presentes nos dois segmentos investigados. Tais representações estão ancoradas na realidade concreta dos segmentos mencionados, como mostram os dados a respeito das fontes de informação. As contradições relativas à avaliação do trabalho do psicólogo, bem como à possibilidade de sua substituição por outros profissionais, não podem ser ignoradas e por certo merecem um estudo mais aprofundado.

Estas representações, que aos acadêmicos poderiam parecer inadequadas ou limitadas, são reveladoras pois explicitam o que o psicólogo de fato é para a população em geral. A população investigada parece, através da representação, apenas reproduzir cotidianamente o conhecimento apropriado exatamente a partir das práticas implicadas, direta ou indiretamente, na relação profissional-clientela.

Esperamos ter ficado claro que, na nossa concepção, o fundamental para a formação de uma representação é o conhecimento sobre o objeto a ser representado. Nesse sentido, uma constatação que merece discussão é o fato de a maior parte dos entrevistados de classe baixa não possuir uma representação sobre o psicólogo e suas atividades.

O desconhecimento apresentado por parte significativa dos participantes deste segmento pode ser explicitado num primeiro momento pela impossibilidade de acesso a tais serviços, determinada em parte, pelo próprio modelo preferencial de atuação. A psicoterapia é cara se considerarmos o poder aquisitivo da maioria da população, o que, por si só, é elitizante.

Outro aspecto, intimamente relacionado a este, é a lenta democratização da psicologia, evidenciada pela pequena e difícil inserção do psicólogo no setor público tanto na área da saúde como na área educacional, conforme aponta Bastos (1987b).

Um outro fator que acreditamos concorrer para a ausência de representação para a maioria dos participantes de classe baixa é o tipo de veiculação sobre a profissão feita pelos meios de comunicação aos quais esta população tem acesso. A utilização do jargão técnico impede uma compreensão adequada do profissional e de suas atividades. Um exemplo disso, é o fato de alguns participantes terem relatado que apesar de já terem assistido psicólogos falando na televisão não conseguiram entender o que estava sendo dito.

Tendo discutido as representações e seu contexto de produção, nos cabe perguntar agora sobre as implicações destas para o psicólogo e para os cursos de psicologia.

Num primeiro momento, a representação do psicólogo como clínico produz uma demanda específica que em última análise reafirma a identidade do psicólogo como restrita ao modelo clínico de atuação, independente do local onde seus serviços sejam solicitados.

Podemos identificar aí a existência de um círculo vicioso difícil de ser rompido. Considerando que os alunos ingressantes nos cursos de psicologia têm origem basicamente em segmentos de classe média, já trazem uma representação da psicologia como profissão liberal, que por sua vez é reafirmada durante o curso.

Carvalho (1984) aponta dois aspectos importantes sobre a dificuldade que os psicólogos têm para desenvolver atividades alternativas, que poderiam contribuir para a transformação das representações sociais sobre a profissão e em decorrência, das práticas psicológicas.

Um deles diz respeito à insatisfação com a identidade profissional ao realizar trabalhos fora dos modelos tradicionais. O outro se refere às dificuldades decorrentes da habilitação restrita que os impede de desenvolver novas formas de atuação.

De acordo com Carvalho e Kavano (1982), enquanto os cursos permanecerem na posição conservadora de simplesmente reafirmar a identidade clínica do psicólogo, pouca diversificação será produzida no que se refere às suas atividades.

Gil (1985) também denuncia o caráter conservador dos cursos de psicologia ao afirmar que:

... Essa atuação do psicólogo na área clínica deixa traduzir um forte conteúdo ideológico, individualista e despreocupado com as instituições sociais. E o currículo dos cursos de formação de psicólogos contribui para reforçar essa tendência (Gil, 1985, p. 17).

E oportuno ressaltar que as discussões levadas a efeito no contexto universitário, há pelo menos uma década, parecem que não têm conseguido extrapolar as fronteiras acadêmicas. As preocupações relacionadas aos problemas sociais mais significativos não têm tido reflexo nas atividades profissionais. É como se o psicólogo fosse acometido de uma certa cegueira, ficando impossibilitado de pelo menos ver e analisar tais problemas quando inserido no mercado de trabalho.

Com certa frequência constatamos que alunos que durante o curso demonstraram forte engajamento político, inclusive com militância efetiva em partidos de esquerda, quando formados optam pelo trabalho clínico tradicional.

Podemos supor que está ocorrendo um descompasso entre o discurso e a prática de professores e alunos. Enquanto o discurso é progressista, voltado para questões sociais relevantes, instigador da reflexão e da crítica, a prática é conservadora,

voltada na sua maior parte para o atendimento individual ou para a psicologização do social, instrumental restrito a modelos tradicionais de exercício profissional.

Em 1979 Botomé já afirmava que

Os problemas de nossa sociedade não são o ponto de partida do estudo do trabalho de nossos alunos. Eles são, em grande parte, ilustração das teorias que assumimos ou que apresentamos aos alunos. O estudo não é um compromisso e exercício de transformação de uma realidade. Parece estar sendo mais um intenso exercício de assimilar, dominar e usar a literatura em voga (Botomé, 1979, p. 13).

Parece que ainda estamos no mesmo estágio. A ausência de representação em parte significativa dos participantes de classe baixa, bem como as representações identificadas no presente trabalho ilustram a identidade profissional que o psicólogo possui e reproduz. Acreditamos que o rompimento do círculo vicioso que apontamos anteriormente é possível, e passa necessariamente pela reformulação curricular dos cursos de psicologia.

Acreditamos também que a reformulação curricular que responda às reais necessidades da população não pode, e não deve, ser baseada apenas em decisões técnicas de distribuição de disciplinas ou de equivalência mais adequada entre diferentes abordagens. Uma reformulação curricular só terá sentido se empreendida a partir de uma decisão política de se imprimir significação à profissão, refletindo sobre os limites da atuação clínica e questionando a serviço de quem estão os modelos tradicionais de exercício profissional.

REFERÊNCIAS

- Bastos, A. V. B. (1987a). A carreira do psicólogo. O poder de atração da clínica. *Programa e Resumos da XVII Reunião Anual de Psicologia*. Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, outubro. P. 273.
- Bastos, A. V. B. (1987b). O exercício da psicologia: a lenta democratização. *Programa e Resumos da XVII Reunião Anual de Psicologia*. Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, outubro. P. 272.
- Botomé, S. P. (1979). A quem nós, psicólogos, servimos de fato? *Psicologia*, 5(1), 1-15.
- Carvalho, A. M. A. (1984). Modalidades alternativas de trabalho para psicólogos recém-formados. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 6, 1-14.
- Carvalho, A. M. A., & Kavano, E. A. (1982). Justificativas de opção por área de trabalho em psicologia: uma análise da imagem da profissão em psicólogos recém-formados. *Psicologia*, 8(3), 1-18.
- Gil, A. C. (1985). O psicólogo e sua ideologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 5(1), 12-17.
- Jodelet, D. (1983). Reflexions sur le traitement de la notion de representations sociales en psychologie sociale. *Actes de la Table Ronde Internationale sur le Représentations*. Communication-Information, Numéro special, octobre. Pp. 15-41.
- Mello, S. L. (1975). A formação profissional dos psicólogos. *Psicologia*, 1(1), 15-20.
- Mello, S. L. (1978). *Psicologia e Profissão em São Paulo*. São Paulo: Editora Ática.
- Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1981). On Social Representations. Em J. P. Forgas (Org.). *Social Cognition - Perspectives on Everyday Understanding*. Londres: Academic Press. Pp. 181-209.

Novo, H. A. e Trindade, Z. A. (1988). Psicologia: o exercício da profissão no Estado do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo (relatório de pesquisa não publicado).

Recebido em 15/5/89.

